

GARDÊNIA  
TATUADA



Um conto de  
FAUSTO FAWCETT

MANIÁZ  
TATUADA



AUTORRRRR

# MEU ventre da Águia

Barra da Tijuca, fronteira com Recreio, fronteira com Jacarepaguá, fronteira Zona Oeste. De frente pra Pedra da Águia Caída, dançarinas encharcadas, envolvidas por uma cortina chuvosa de verão, que passa abençoando seus corpos de baile. Essas dançarinas do ventre-funk se preparam para o último ato de uma estranha ópera, estranha e revolucionária ópera que transformou o lugar de onde elas vieram num ponto de atenção midiática, mas também de vontades empresariais e pesquisa esotérica, polo de várias pistas de expressão e inovação, driblando toda precariedade e tensão. E da alta tensão presente nas vidas dessas dançarinas e de outros que participaram dessa ousadia (peculiaridades de sofrimento e reação vingativa de cada um) é que surgiu a força de um ataque estético, sensorial, sensual, hipnótico, musical, filosófico religioso, reciclante, urbano à comunidade de onde vieram. Não queriam mais singeleza de comunidade, mas a potência mundial que as antenas mentais podem captar, que os HDs corporais podem incrementar. Ir muito além das periferias como ideologia e, sim, alcançar, inventar atalhos para o êxtase na marra da gambiarra que virou cada vida. Sempre foi assim, mas as dançarinas que sugere com os seus corpos paisagens bizarras ou excitantes ou desafiadoras, e os

que inventam outros mundos com notas e aparelhagens musicais, com desvios plásticos dos zilhões de materiais e construções que nos cercam, os que reinventam com registros audiovisuais a vida no planeta. Essa turma nascida na comunidade queria criar um fenômeno, como uma força da natureza, como um marco da história, vulcão ou Veneza, Muralha da China ou o que fosse. Queria transformar sua comunidade num bairro-ópera funk por algum tempo. Muito além do clichê periférico. E conseguiram, de forma às vezes até catastrófica, guiar a atenção geral para aquele que foi seu núcleo de vida urbana, lugar de afetos e desafetos, esperanças e obstáculos. A Gardênia Azul.

E de que forma isso aconteceu?

O véu de chuva quente passa batido pelas turmas dançarinas, dá uma parada na Pedra da Águia Caída e vai embora abrindo uma última brecha para o Sol no crepúsculo que anuncia o último ato já abençoado pela chuva intensa. As dançarinas vão lembrando das seis semanas anteriores que transformaram a comunidade-bairro num acontecimento misterioso e fascinante. Elas têm a flor, a gardênia, tatuada em várias partes do corpo, principalmente na jugular, pulsando como alto-relevo das suas vibrações emocionais saltando da carne. Todos os envolvidos têm a gardênia azul tatuada como talismã. Vibrações emocionais saltando da carne. As três facções dançarinas, as Faquiras, as Fuzilâminas e as Galileias Absurdas, lembram de quando botavam para quebrar com

disputas nas ruas da comunidade, gangues bailarinas se desafiando com seus corpos em chicote de movimentação sensual, mas também atlética, subindo pelas paredes e provocando visões de corpos em funcionamento erótico e acrobático ou, simplesmente gracioso, que provocavam fascinação na maioria, mas certa inveja e implicância em vários moradores e moradoras. O que realmente dispersou as meninas das facções dançantes, transformando-as em dançarinas fugitivas, foram outros fatores bem particulares, peculiares. As Faquiras são Shakiras esfaqueadas, quer dizer, fãs da cantora dançarina, Shakira, que escaparam de feminicídios com armas brancas e fazem das suas cicatrizes, que parecem bocas, centopeias, umbigos, fazem das suas cicatrizes fator de sedução, além de também jogarem com o fetiche dos faquires indianos, das bruxas dos punhais que elas conheceram pelo país durante a saga fugitiva. Fetiche com as pontas afiadas. As Fuzilâminas escaparam de feminicídios com armas de fogo e têm balas alojadas que passeiam pelo corpo: é a grande coqueluche anatômica vê-las brincar com as munições encrustadas em certas partes do corpo. Elas se lembram, enquanto se enxugam para o último ato da ópera fantasma que tomou conta do território azul com reflexos na Barra, em Curicica, na Freguesia, na Cidade de Deus, até na Praça Seca e na Vila Valqueire. As Galileias Absurdas adoravam os dervixes, sacerdotes muçulmanos cuja dança de transe consiste em girar, girar, girar até sair desse mundo. Usar o corpo para vibrar misticamente. Usar o funk do ventre para driblar a mediocridade geral, a insuficiência deste mundo. Não prestou muito, pois todas eram filhas dos

varões galileus daí quê. As três turmas vão se enxugando e lembrando das três semanas anteriores, da ópera que, primeiro sorrateiramente depois escancaradamente, sacudiu o território azul.



# 2 motor da ÓPERA

## Primeira semana

Enquanto as dançarinas fugitivas cruzavam as periferias do país angariando novas missionárias do ventre-funk algumas parceiras dessas meninas, dessas mulheres, parceiras que lidam com engenharia de gambiarras, com artes plásticas, com cinema, com música, com produção de escola de samba. Essa turma começou a trabalhar no cenário Gardênia, no bairro-ópera provocando pequenos eventos, criando miragens e confundindo a noite da comunidade, os arredores das fronteiras do bairro. Na primeira semana, totens feitos com leds colocados em certas esquinas mostravam apenas partes dos corpos dançarinos devidamente envolvidos (o bairro todo) por uma música, um groove, uma batida insinuante, primeira batida de ocupação repentina. A ação era transmitida por celulares colocados, estrategicamente, em postes e brechas nas construções, nos prédios, nas calçadas. Junto com as imagens e a música, as falas alucinadas e raivosas de Mauro Motor, um mecânico que tem uma oficina de frente para o canal e que filosofa, deita falação entusiasmada, às vezes raivosa, às vezes gargalhante, sobre o mundo, a política, os donos do lugar, os amores, vários

assuntos, enquanto conserta os carros. Cada martelada ou trato nas fiações ou carrapeta substituída, uma rajada de frases desafiando as energias sociais, sexuais, profissionais, tecnológicas, religiosas, políticas, egoístas ou amorosas deste mundo. Tem uma visão excêntrica da vida e compartilha da perspectiva filosófico-religiosa de uma seita cristã dos primeiros tempos que diz que o mundo foi criado por um Deus falso, um farsante terrível que escondeu a verdadeira intenção de elevação dos nossos espíritos rumo a um conhecimento da Grande Verdade de Movimentação Cósmica. Ele escondeu esse caminho criando um mundo de ilusões e que é, basicamente, mau. Devemos escapar dessa prisão ilusória através de atos anárquicos e radicais ou nos ausentar dele. Orgias no talo ou eremitas desprezando a tal humanidade entregue às falsidades e ao crime primordial, que é a crença nesse mundo de ilusão em cadeia. Para ele, Capitalismo, máquinas, cidades, mundo cão da sobrevivência cruel, tecnologia a granel, religiões oficiais, tentativas de socialismo, tecnologias moldando, modulando, monitorando nosso dia a dia, até mesmo os sentimentos que, para ele, não são nossos, mas inoculados por vírus sociais para provocar conflitos e competições e carências esdrúxulas, tudo isso entre muitas outras coisas, para Mauro Motor, constitui a placenta maldita que nos envolve, nos alimenta com miragens que nos aprisionam nesse planeta cheio de mistérios ocultos por poderosos de verdade. Não esses que dirigem países... Por isso ele conserta, mas também compra carros jogados fora, lida com ferro-velho, onde fica, sozinho, amassando os carros em catarse, porque eles representam, em grande parte,

o funcionamento do mundo com petróleo, com ruas existindo como artérias principais das cidades, que são feitas para os carros, e que, agora elétricos, dispensam motoristas e deixam claro que o humano vai sobrar, sapiens em fim de carreira. Esse é Mauro Motor, de cuja boca saem as falas da ópera -sorradeira. Ele também sofreu muito com a fuga da sua mulher dançarina que ele amava, mas acabou engolido por uma paranoia, efeito colateral de sua crença alucinada e quase matou, por ciúme, sua Melissa, uma das líderes das Faquiras. Apesar desse acontecimento, foi ele que idealizou o bairro-ópera, pois achava que a Gardênia estava presa numa modorra, que era preciso anarquizar, desafiar todos os cotidianos exatamente como as dançarinas, as três gangues, sempre fizeram, correndo riscos de serem executadas ou expulsas como realmente foram. Ele achava necessária a volta das garotas, das mulheres, e formou uma rede de apoio estético, justiceiro e religioso para furar a ilusão capitalista periférica tecnológica que aprisionava aquela região. Viralizar o território azul como se fosse um experimento de provocação social.

Primeira semana, música sorradeira, bairro transmitido para o mundo. Celulares como insetos voadores, ou aracnídeos, estavam sendo preparados para a segunda semana. Câmeras de vigilância flagrando agarrações amorosas, achaques e animais domésticos perdidos ou vadios e gente também vadia jogada na noite. Normal. Câmeras de vigilância sequestradas e colocadas dentro de lojas registrando, de ângulos bizarros, os

produtos como se fossem criaturas estacionadas à espera de um comando para sair aprontando. E foi o que aconteceu na segunda semana.



# 3 MONGES de MEGA Hair

Os habitantes do território, os donos do território e aqueles que moravam nos bairros próximos, começaram a ficar agitados, excitados com a nova configuração urbana da Gardênia, transformada em videogame mundial por aqueles que lidavam com os registros audiovisuais, auxiliando na criação da ópera. Ópera videogame funk. Procurando as dançarinas, achando ou sendo deletados por elas. Descobrimo tesouros/armadilhas nas ruas, nos corredores-labirintos da comunidade. Habitantes do território, donos do território agitados, excitados, angustiados também. Principalmente os que pegaram no pé das dançarinas fugitivas que retornavam em grande estilo. Exaltando, mas também capturando o bairro.

Na segunda semana, as câmeras de vigilância e os insetos-celulares, insetos colocados, estrategicamente, nas lojas e ruas, acompanharam a aparição/procissão dos monges do mega hair – criação dos que lidavam com artes plásticas de escolas de samba e com bienais de gambiarras bem inesperadas. Antigos secadores de cabelo com roupas de monge e apliques discretos vagam pela madrugada do bairro graças ao talento tecnológico de uma garotada que instalou dispositivos remotos e botou a

criação dos escultores de escola de samba para vagar como se fossem criaturas de uma repentina Idade Média na região de Jacarepaguá. Saídos de cabeleireiros, na calada da noite, equipados com caixas de som com discursos de Mauro Motor falando que a falta de uma dimensão maior nos corações e nas mentes, a transformação da espiritualidade numa coisa que dá e passa, isso encurralou a todos num materialismo mercantil, mas também reduziu tudo ao psicológico, ao sociológico, ao linguístico. Palavras sem mágica. Tudo é banal, oito bilhões de banalidades andando, se reproduzindo, sem eira nem beira, mesmo com grana, e todos achando que existe salvação numa sociedade melhor. Sem a dimensão maior dentro dos corações e cérebros não rola, não rola. Essa turma digital não sabe como é medieval, eles acabaram provocando acidentes nas vias próximas, alguns foram atropelados, mas o sucesso é total na viralização, na agitação da comunidade e o groove, a batida que os acompanha, acaba virando hit e a Gardênia videogame ópera funk do ventre livre ganha o país, ganha o mundo atraindo interesses e curiosidade geral no planeta. Gardênia digitalmente tatuada na pele da mídia.

Não é Curicica, não é Freguesia, não é Colônia, não é Praça Seca, não é Pechincha, não é Tanque, não é Rio das Pedras. É Gardênia Azul.



# 4 CORAÇÕES TRACHINTEL



Mauro Motor pegou os carros porrados durante a procissão e os levou pro ferro-velho a fim de espancá-los num ritual de exorcismo do metal, dos circuitos eletroeletrônicos, dos plásticos que nos habitam a pele, ritual de exorcismo industrial.

As meninas, as mulheres Faquiras, Fuzilâminas e Galileias Absurdas vão se encontrando, saídas de Pernambuco, saídas da Paraíba, saídas de São Paulo, da Bahia, de Belém, o que não faltou foi horda urbana que encontrasse outras, dispostas a se tornarem missionárias do ventre funk com a gardênia tatuada, geralmente na jugular, pulsação das vibrações emocionais barrapitada alimentando a libido, cheia de ânimo, das que estavam desperdiçadas ou subutilizadas no seu talento. Mundo cão da sobrevivência. Facções dançantes chegando ao Rio.

Os grooves, a música, as batidas e melodias insinuantes, que ninguém sabe de onde vem, continuavam a rolar, pois as caixas de som estavam muito bem malocadas nas brechas das construções da comunidade, assim como as falas de Mauro Motor seguem, de hora em hora, mesmo na madrugada, estimulando e colocando agulhas filosóficas, inquietações verbais nos cérebros, agitando



os corações dos habitantes da comunidade, nos cérebros em alerta máximo dos donos da comunidade, achando que é tudo armação sofisticada de alguma nova turma de violenta tirania mandatária tipicamente carioca.

Gardênia tatuada o bairro-ópera videogame funk.

Pessoal da escola de samba, numa produção plástica com o pessoal da tecnologia gambiarra inesperada, pegou corações arrancados por tortura de conflito e jogados num terreno baldio, dezenas, eles pegaram os corações e colocaram micro leds piscando dentro, como se eles batessem, ainda passaram um perfume forte, depois jogaram no canal, corações flutuantes, coronárias perfumadas. Outros corações foram catapultados como se fossem cometas, estrelas cadentes, corações traçantes, pode crer. Outros, todos com micro leds e devidamente perfumados, colocados em placas de sinalização urbana. Corações sinalizadores.

As câmeras de vigilância sequestradas, câmeras de vigilância e celulares, alguns acoplados a minúsculos drones, acompanham os corações, transmitem os corações desde a retirada da vala cemitéria até a transformação em ícones da violência reciclada.

Ópera videogame funk bairro-experimento.



# 5 HEY! Gardênia APOCALIPSE-me

Terceira semana

Equipes jornalísticas são impedidas de entrar no bairro. Donos não querem que a anarquia seja registrada. Comentada.

Algumas pessoas são abduzidas pela música, pelo discurso, pelas criaturas criadas pela turma, criaturas gambiarras de material reutilizado, criaturas de vídeo feitas a partir das facções, dos closes nos corpos das dançarinas do ventre funk muito livre.

Outros habitantes ficando perturbados, quebrando ruas, quebrando pontos onde eles acham que estão as caixas de som ou as câmeras e nem os donos do lugar conseguem achar. Muito bem-feita a instalação a fim de jogar, no mundo, o mito da Gardênia Tatuada. E antes que as meninas cheguem para o número final, o ato de dança final, uma outra surpresa ambiental vai chapar os habitantes do bairro-experimento, recebendo ataque estético transformado em videogame transmitido.

Uma leva de grafiteiros e pintores de murais chegam firme em

três prédios de frente para um terreno de festas e começam a pintar os corpos das meninas; se misturando aos corações e se misturando aos carros porrados; se misturando aos monges do mega hair; se misturando aos celulares-insetos; se misturando aos totens de leds; se misturando a gardênias gigantescas; se misturando a águia caída que se mistura a uma chuva que brilha, hipnoticamente colorida, nas paredes dos prédios de frente para o terreno baldio das festas. Os garotos e as garotas, do grafite e dos murais, eram muitos e fizeram, rapidamente, o imenso painel, pois todos já estavam de olho no que aconteceria na terceira semana. Tinham que ser muitos para terminar em cinco, seis minutos a parada. E assim foi. Pintaram com tinta psiquiátrica, tinta hipnótica, as paredes, e quem olhava ficava totalmente abduzido pela imagem do painel, primeiro paralisado, tendo que ser meio que acordado para sair dali. Depois iria sonhar direto com a parede, com aquela síntese da ópera videogame funk, mesmo acordado. Bairro-experimento, inspirando outras intenções urbanas. Em virtude da ópera, muitos institutos de tecnologia, muitas pequenas empresas de reciclagem de material, de audiovisual, empresas de equipamento sonoro, et ceteras variados se interessaram em fincar raízes no bairro.

Mas também houve um acirramento, um aumento de desconfiças e vigilâncias marginais poderosas...

Tudo ao mesmo tempo agora.

Ainda mais que uma nova categoria, um novo fenômeno meteorológico, entrou com tudo no calendário atmosférico bizarro. A chuva de balas. Terroristas conseguiram segredos bélicos de pentágonos, agências chinesas, empresas europeias, e um desses segredos era a munição migratória, balas de fuzil, de metralhadora, de pistola que podiam voar pegando rotas de vento, caminhos aéreos usados por aves em deslocamento. Daí que centenas dessas nuvens circulam por aí e toda hora provocam chuvas de balas, pois os negociantes de armas colocaram logo no varejo essa anomalia atmosférica. As garotas do tempo agora assinalam nos seus mapas as rotas das chuvas de balas para que as pessoas se protejam. Bandos rivais em países conflagrados, desequilibrados socialmente, usam o método para.

Chove muito na Gardênia, nos arredores e na Zona Norte, na Zona Sul, no centro, na Baía. Do Amazonas ao Congo, da Mongólia à Alemanha, do Alasca a Miami, da Cidade do México a Sidney, de São João Del Rey à Baixada Santista, de Tóquio a Jacarta chove bala.

# A Águia PREUSOU

# 6

Quarta semana

As Faquiras, as Fuzilâminas e as Galileias Absurdas relembrou, enquanto se enxugavam de frente pra Pedra da Águia Caída, as três semanas de bairro-ópera videogame funk. Agora o ato final. A grande volta. Virtualmente, elas já estavam lá, por obra e graça do Cineasta Fantasma que, com os vídeos xamãs, craques hackers dos jogos mais pesados e bizarros, registrou e transformou em peça espetacular de cinema e vídeo, o desempenho das meninas, a distância, e o desempenho do bairro nas três semanas.

As meninas começam a se dirigir para o bairro-ópera. A noite desceu com vontade, e elas caminhando como num arrastão austero, com roupões cobrindo seus corpos, vestindo trajes mais curtos. Caminham e, claro, são alvos de olhares e olhares dos carros que passam. Ao fundo, se distanciando, a Águia Caída. À medida que se aproximam do bairro, aceleram o passo já em movimentação de ato dançante contínuo. Câmeras celulares em carros acompanham o ato contínuo, enquanto

pessoas hipnotizadas pelos edifícios murais serão despertadas pela performance das dançarinas fugitivas, enquanto as falas de Mauro Motor são transmitidas para elas como estímulos filosóficos, falas de vento motivacional. Furar com sua dança, com as imagens, com os sons, com o groove, com as imagens e pinturas, a placenta sufocante, cerejas vingativas, mas generosas, na sua missão de expandir o lugar de onde vieram. Dor e alegria juntas. Entrando no bairro, se espalhando como fadas fodas, entidades galhofeiras de todas as encruzilhadas. Elas entram no bairro, e o groove aumenta, o som das falas aumenta, a hipnose do mural surte mais efeito e, nas margens do canal, Transformers feitos de lixo não recolhido fascinam quem está por perto. Rapaziada plástica das escolas de samba atacando de novo no último instante. Todos largam o que estão fazendo, atraídos pela movimentação, e a quadra onde elas vão se apresentar funciona como um ímã, enquanto todos vão ouvindo o groove, as falas de Mauro, os reflexos da tinta hipnótica, tinta psiquiátrica, os monges do mega hair remanescentes da procissão cheia de acidentes. Os que agrediram as garotas, tempos atrás, estão enlouquecidos mesmo, de verdade, e nem chegam perto. Para esses e para outros mesquinhos, a ópera funcionou como veneno. Mas para a maioria, como bálsamo de enlevo, perturbação sacudindo a modorra. Todos se dirigiram para a quadra. Faquiras, Fuzilâminas e Galileias Absurdas surgem de todos os lados e botam para quebrar na quadra. Nem os donos do território conseguiram impedir a viralização do ato final na quarta semana. Jornalistas chegaram junto e a Gardênia estava, definitivamente, tatuada no coração da mídia mundial.

Da urbanidade inquieta do planeta. Faquiras, Fuzilâminas, Galileias Absurdas e seus comparsas guiados pela fúria anárquica religiosa de Mauro Motor.

Gardênia Tatuada.



**Ficha técnica:**

Autor: Fausto Fawcett

Coordenação editorial: Alessandra Castañeda

Ilustrações: Daniel Real

Designer: Ricardo Prema

Revisão de texto: Adriana Maciel

Produção gráfica: Márcio Lima

Realização: Jurubeba Produções

Patrocínio: Governo do Estado do Rio de Janeiro, Secretaria  
de Estado de Cultura e Economia Criativa, através do edital

Retomada Cultural RJ



COPRODUÇÃO

**favela  
vertical**

PRODUÇÃO

Jurubeba

PATROCÍNIO

Secretaria de  
Cultura e Economia  
Criativa



GOVERNO DO ESTADO  
**RIO DE JANEIRO**